

O HOMEM HABITA NO RACIONAL

*Edimar Brigido¹**Mateus Henrique Costa Silva²*

50

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar a teoria de Jürgen Habermas sobre a razão, com enfoque na razão comunicativa, para assim delimitar a diferença entre o homem e o animal. Habermas propõe uma mudança de paradigmas que tem por missão mudar o eixo da razão, passando de uma razão instrumental para a razão comunicativa, que visa a interação dos sujeitos, bem como o entendimento entre eles. O filósofo quer retomar a razão, porém não a razão que esclarece o indivíduo, mas a razão comunicativa para esclarecer a sociedade. O filósofo investe no sujeito inserido na sociedade, pois é através das relações que ele se esclarece.

PALAVRAS-CHAVE: Razão instrumental. Entendimento. Habermas. Linguagem. Razão Comunicativa.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar la teoría de la razón de Jorgen Habermas, centrándose en la razón comunicativa, con el fin de delimitar la diferencia entre el hombre y el animal. Habermas propone un cambio de paradigma que tiene como misión cambiar el eje de la razón, pasando de una razón instrumental a la razón comunicativa, que tiene como objetivo la interacción de los sujetos, así como el entendimiento entre ellos. El filósofo quiere retomar la razón, pero no la razón que ilumina al individuo, sino la razón comunicativa para aclarar la sociedad. El filósofo invierte en el tema insertado en la sociedad, porque es a través de las relaciones que se aclara a sí mismo.

PALABRAS-CLAVE: Razón instrumental. Comprensión. Habermas. Idioma. Razón comunicativa.

¹ Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com Especialização em Ciências da Religião pela Facel, e Especialização em Filosofia com ênfase em Ética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. É mestre e doutor em Filosofia pela mesma Universidade. Atualmente é professor de Filosofia na Faculdade Vicentina de Filosofia - FAVI e professor do Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA, Curitiba, PR-Brasil.

² Graduando no curso de bacharelado em Filosofia pela Faculdade Vicentina – FAVI. Contato: henriquecmateusilva@gmail.com

INTRODUÇÃO

Há na história humana uma busca para determinar o que é o homem e o que o diferencia dos animais. Ao longo do tempo diversos filósofos e pensadores se empenharam para dizer o que seja o homem e o que ele pode fazer. Como exemplo, na Bíblia Sagrada, especificamente no Salmo 8, o salmista se pergunta sobre quem é o homem, pois Deus cuida muito dele e o fez de maneira acima dos outros seres e só abaixo do próprio Deus. (BÍBLIA, 1973, p. 954). Com isso, nota-se a busca do ser humano para dizer o que ele é a partir dos diversos meios, seja no âmbito religioso, como citado no Salmo 8, ou por outro viés, como é o caso deste trabalho, que visa partir da teoria de Habermas traçar o marco divisor do que seja o homem e o que diferencia dos animais.

O presente trabalho tem por objetivo central apresentar a proposta Jürgen Habermas sobre a racionalidade, com enfoque na racionalidade comunicativa, que para o autor é um novo paradigma filosófico que precisa ser encarado e vivido. Para Habermas, ser racional ultrapassa a noção de conseguir reter informação e assim possuir conhecimento. Racional, ao contrário, é todo ser que consegue agir, pensar e falar. Assim, apresentando a teoria do autor que o ser racional perpassa também o saber se comunicar de maneira articulada.

Para tal, será abordado nesse trabalho a mudança de eixo que Habermas propõe para a filosofia, com a racionalidade comunicativa, bem como as três raízes da racionalidade, e a comunicação como sendo marco para a divisão entre o ser humano e o ser animal. Habermas é um filósofo que ao propor a racionalidade comunicativa, propõe um agir comunicativo, que marca de vez essa ruptura entre o humano e o animal.

1. HABERMAS MUDANDO PARADIGMAS FILOSÓFICOS

Jürgen Habermas é um pensador alemão, que pertence à segunda geração da Escola de Frankfurt. O autor apresenta em seus escritos que a razão precisa de uma nova abordagem, pois vê que o projeto Moderno de razão está falido. A partir de tal constatação Habermas apresenta uma nova conjuntura para a razão, pois quer reconstruir o ideário da modernidade, que é tornar o homem autônomo, centrando-se na razão comunicativa. Para tal é

preciso que aconteça o abandono da filosofia da consciência (HABERMAS, 2012, p. 671) que reinou na modernidade, e assim conseguir repensar a ideia da racionalidade.

Abandonar a filosofia da consciência, é deixar de lado o sujeito e focar na sociedade, que é a chave para reconstruir o projeto moderno de razão. “O autor propõe que se faça aprendizado dos descaminhos, que acompanharam a Modernidade, para que só assim, dar ao seu projeto o status de concluído” (HABERMAS, citado REESE-SCHÄFER, 2017, p.127). Com isso o autor propõe um novo tipo de racionalidade, a racionalidade comunicativa para concluir o projeto moderno.

É preciso recordar que o projeto da modernidade se funda no sujeito que conhece, que sente, do sujeito que pelo fato de pensar existe (DESCARTES, 2019). A proposta habermasiana, então, é redirecionar o sujeito solipsista para uma incorporação na sociedade, a partir da relação entre os sujeitos, pois afirma Siebeneichler (2012, p. IX) “o conhecimento racional resulta de um intercâmbio linguístico entre eles”. Ou seja, todo ser humano é dotado de inteligência comunicativa, que o permite conhecer e se relacionar.

A mudança que Habermas propõe é significativa, pois aponta o caminho que se deve tomar para assim mudar o eixo da razão e traçar a linha entre o humano e animal, que é a proposta deste trabalho. É preciso evidenciar que Habermas postula que ser “racional tem menos a ver com capacidade cognitiva, mas se relaciona com quem também sabe usar da linguagem” (HABERMAS, 2012, p. 31). Portando, apresenta-se que ser racional não é somente quem tem conhecimento de algo, apontando assim a centralidade da linguagem na teoria habermasiana.

2. A RAZÃO NA PERSPECTIVA HABERMASIANA

Habermas em seus escritos aponta que a razão é um problema filosófico (HABERMAS, 2012, p. 19) e é a filosofia que tenta resolver e responder ao mundo o dilema da razão. Ela, a razão, é um elo entre as diversas doutrinas filosóficas, pois o que refletem e argumentam está estritamente em acordo com as “experiências da razão em seu trato consigo mesma” (HABERMAS, 2012, p. 20). Assim mostrando a relação intrínseca que a razão tem com a filosofia e de como ela é também um dos assuntos, bem como seu principal instrumento de trabalho.

O pensador ainda aponta que, na atualidade, a filosofia não consegue ser uma expressão totalizante de saber e que nos seus diversos questionamentos, seja ético, epistemológico ou pragmático, a filosofia se volta para a razão (HABERMAS, 2012, p. 20). Há então um interesse mais que especial da filosofia pela racionalidade e isso Habermas evidencia que em diversas circunstâncias filosóficas:

O interesse logo se volta às condições formais da racionalidade do conhecer, do entendimento verbal mútuo e do agir, seja no cotidiano, seja no plano das experiências metodicamente instituídas ou dos discursos metodicamente instituídos (HABERMAS, 2012, p. 20).

Destace-se que a filosofia tem por objeto e assunto a razão. Razão esta que vai além da capacidade cognitiva, como já mencionada anteriormente, mas é um poder se expressar. Ou seja, ser racional não é tão somente quem tem capacidade cognitiva, quem pode conhecer algo, mas aquele que também sabe usar de sua capacidade se comunicar. Habermas deixa isso muito claro em seus escritos. O mesmo, aponta que:

racionalidade tem menos a ver com a posse do conhecimento do que com maneira pela qual os sujeitos capazes de falar e agir *adquirem e empregam o saber*. Nas exteriorizações verbais, manifesta-se o saber de maneira explícita, e capacidade, um saber implícito (HABERMAS, 2012, p. 31)

Portando, a razão para Habermas não se detém no aspecto de reter conhecimento ou de saber fazer algo, mas está atrelado a capacidade de comunicar que o ser humano tem. Para ele, ser racional é ser alguém que seja responsável, que sabe exteriorizar de forma clara seus pensamentos e o ser irracional são as desculpas, os atrasos, os animais, ou seja, tudo aquilo que não se responsabiliza e nem se comunica (HABERMAS, 2012, p. 32). Com isso fica evidente o marco de diferença entre o homem e o animal, pois para o pensamento habermasiano ser racional é ter a capacidade de conhecer, de comunicar o que se sabe, e vai além, pode-se afirmar também que ser racional é ter reponsabilidade. E aqui fica nítido que o autor retoma os postulados

kantianos³ de autonomia, pois como já dito, o autor deseja reconstruir o projeto da modernidade.

O pensador alemão não conclui apenas que ser racional é alguém que consegue expor aquilo que pensa e sabe, mas também deixa claro que ser racional é também ter a “capacidade de alcançar consenso e agir de modo eficiente” (HABERMAS, 2012, p. 43). Ser racional é poder falar e não se enganar com aquilo que se fala, é saber asserir algo e poder fundamentar o que se diz, é ser coerente com as leis e normas, ser verdadeiro com o que se diz e racional é também “a pessoa capaz de justificar suas ações perante contextos normativos existentes” (HABERMAS, 2012, p. 49).

Habermas apresenta um longa lista do que seja o ser racional. O autor supera a ideia de que só o fator cognitivo para definir o sujeito racional. Para ele racional também é quem deseja libertar-se de ilusões, racional também conhecer a si mesmo, e é quem “se comporta com disposição positiva diante do entendimento e, diante de problemas de comunicação, reage de modo que reflita sobre as regras da linguagem” (HABERMAS, 2012, p. 55). E para compreender de modo certo e eficaz Habermas apresenta as três raízes da racionalidade, o saber, o agir e o comunicar.

3. AS TRÊS RAÍZES DA RACIONALIDADE

Habermas em seu livro *Verdade e Justificação*, apresenta aos leitores as três raízes da racionalidade, que o autor enuncia devido ao seu postulado da estrutura discursiva que se relaciona com o saber, o agir e o comunicar (HABERMAS, 2009, p. 101). Estas são as três raízes da racionalidade discursiva para Habermas, a epistêmica, a teleológica e a comunicativa.

O pensador aponta que o termo racional deve ser empregado “primordialmente para opiniões, ações e proferimentos linguísticos” (HABERMAS, 2009, p.101), estes que estão estruturados no conhecer, no agir e no falar, apontando assim as três raízes da racionalidade. Habermas ainda assevera que estas raízes não possuem uma raiz comum, mas que estruturam o ser racional.

³ Kant é um dos grandes pensadores da Modernidade e da história da filosofia. Em seu escrito sobre o que é o Esclarecimento, ele apresenta a noção de autonomia que é quando o sujeito, consegue autogovernar-se, ou seja, age e pensa sem influência ou decisão de outrem (BRÍGIDO, 2017. p. 137-149).

Assim, é preciso conhecer essas três raízes não como uma diversidade que cria o racional por uma operação fundadora (HABERMAS, 2009, p. 101), mas ver que a racionalidade para ele é formada por uma atitude integradora da raiz epistêmica, teleológica e comunicativa. Bem como sua proposta para reconstruir o ideário de racionalidade, cuja qual foi banalizado pela má interpretação do projeto Moderno.

3.1 RACIONALIDADE EPISTÊMICA

É preciso evidenciar o papel fundamental da linguagem para Habermas, pois o autor postula que até o saber possui uma natureza linguística (HABERMAS, 2009, p. 104). Este é expresso por enunciados que possuem em sua estrutura disposição de serem verdadeiros ou falsos, por causa de sua estrutura proposicional. Quando se enuncia algo, independente que qual saber for, quer se ater não tão somente no que se consiste o que foi proferido, mas especialmente no como pode ser justificado.

Habermas aponta que essa justificação se liga ao fato de que um enunciado pode ser criticado e fundamentado, assim apontando que racional não está no fato de algo ser verdadeiro ou falso, mas na capacidade deste ser defendido por quem o profere. O pensador aponta que “quem compartilha concepções que se revelam falsas não é *o ipso* irracional” (HABERMAS, 2009, p. 104), irracional, portanto, é quem não consegue fundamentar suas opiniões e as tem como dogma. O autor vai além e demonstra claramente o que seja opinião racional:

Para qualificar uma opinião como racional basta que, no contexto de justificação dado, ela possa por bons motivos ser tida como verdadeira, ou seja, racionalmente aceita (HABERMAS, 2009, p. 104)

Assim o filósofo deixa explícito seu pensamento de que ser racional é ter a capacidade de fundamentar suas opiniões bem como aceitar que estas podem ser criticáveis. Portanto, a racionalidade epistêmica, não se detém unicamente ao saber, mas “entrelaça-se com o uso da linguagem e do agir” (LENK; SPINNER, citado por HABERMAS, 2009, p. 105). É preciso então, evidenciar que o saber tem relação com o racional devido à sua capacidade de ser expressado por meio de uma língua, bem como com seu encontro com a realidade e assim

poder usar desse saber, isso precisa ser prático e colocá-lo na sociedade de modo a agir para um fim.

3.2 RACIONALIDADE TELEOLÓGICA

Como o nome já indica a racionalidade teleológica tem a ver com realizar um fim. Fim este que o ser humano realiza a partir do seu agir que é intencional e tal intenção “aspira à realização de uma meta estabelecida” (HABERMAS, 2009, p. 106). A racionalidade teleológica não possui o compromisso de promover comunicação e entendimento entre os sujeitos, mas detém-se na objetividade, assim destoando de certa forma da teoria habermasiana, porém Habermas não exclui a racionalidade teleológica, mas dá a ela seu lugar em sua teoria.

Esta objetividade é instrumental, ou seja, voltado para realizar ações para si próprio, tanto que autor evidencia que ser racional nesse aspecto é poder realizar uma ação bem sucedida, ou seja, quando se realiza algo com êxito (HABERMAS, 2009, p. 106). O pensador explicita que, para a razão instrumental ser considerada racional, ela necessita satisfazer condições necessárias que a possibilita intervir no mundo e aponta que

a racionalidade do agir não se mede, por sua vez, pelo fato de o estado que surge factualmente no mundo como consequência da ação coincidir com o estado intencionado e preencher as condições de sucesso correspondentes, mas pelo de o ator ter alcançado esse resultado com base em meios deliberadamente escolhidos e empregados (ou pelo fato de que poderia alcançá-lo normalmente sob condições adequadamente percebidas) (HABERMAS, 2009, p. 106)

Este tipo de racionalidade voltada para realização de fins tem estrita relação com a racionalidade epistêmica e comunicativa. Isso se deve pelo fato de que para que uma ação seja realizada a o sujeito é dependente daquilo que tem como informação e este usa de um meio linguístico para expressá-las e possuí-las. Habermas deixa claro que o agir intencional, precisa usar de proposições intencionais e enunciativas. É importante registrar que apesar de criticar, o autor não nega ou exclui a razão instrumental, porém a sujeita à razão comunicativa.

3.3 RACIONALIDADE COMUNICATIVA

Para Habermas é fundamental que os sujeitos ao fazerem uso da razão, se comuniquem e se esclareçam, ou seja, se ajudem a partir do diálogo a fazerem uso de seu próprio entendimento. Isso é a peça chave para o autor, pois não deseja que seja racional ou esclarecido um indivíduo apenas, mas que a partir da comunicação possa se estabelecer um entendimento mútuo, e esse é o papel da racionalidade comunicativa (HABERMAS, 2009, p.107). Com a racionalidade comunicativa, os sujeitos ao interagirem e fazerem uso da fala argumentativa, são capazes de superar convicções subjetivas e alcançar a intersubjetividade em suas relações.

Este uso comunicativo das expressões linguísticas estabelece, como já dito, interpelação entre os sujeitos, e não quer tão somente exprimir intenções ou representar estado de coisas, mas fazer com que os agentes dos atos de fala se entendam a respeito de algo uns com os outros.

Esse conceito de *racionalidade comunicativa* traz consigo conotações que no fundo, retrocedem à experiência central da força espontaneamente unitiva e geradora de consenso própria à fala argumentativa, em que diversos participantes superam suas concepções inicialmente subjetivas para então, graças à concordância de convicções racionalmente motivadas, assegurar-se ao mesmo tempo da unidade do mundo da objetivo e da intersubjetividade de seu contexto vital. (HABERMAS, 2012, p. 35)

Habermas, ao falar sobre a razão comunicativa apresenta a ideia de argumentação. A argumentação é “o tipo de discurso em que os participantes tematizam pretensões de validade controversas e procuram resolvê-las ou criticá-las com argumentos” (HABERMAS, 2012, p. 48). Argumentar para o pensador é uma ação importante, pois através do argumento, que convence ou não, os sujeitos apresentam uma forma em que possam enfrentar as questões vividas pelo uso da razão.

Racional, então é alguém que consegue agir e responder. Argumentar, também é um reconhecimento do intersubjetivo, pois transforma aquilo que é opinião em saber (HABERMAS, 2012, p. 61). A razão comunicativa, proposta na área da filosofia da linguagem, conduz a um agir, a uma práxis, o agir comunicativo. O sujeito, que antes era o iluminado pela razão e resolvia os problemas de sua época, agora é convidado a ser uma comunidade de sujeitos, capaz de se relacionar pelo diálogo e chegarem ao entendimento.

Nesse interim os três tipos de racionalidade se relacionam, pois constroem a identidade do ser humano e mostram assim, que não se deve repartir o homem entre sua cognição, seu agir e seu comunicar. O homem não deve ser visto apenas como sendo um ser que pode conhecer, que dúvida e que pensa, mas deve também se levar em consideração que este ser tem ações que visam seu objetivo, bem como também ele se comunica e manifesta o que pensa por meio de sua fala e também de suas ações.

Nesse sentido, quando Habermas traz essa ideia das raízes da razão, ele pretende refazer o ideal da razão, que foi vulgarizado graças aos entraves e fracassos do projeto Moderno, que ocasionou na descrença da razão e na objetificação do ser humano. E portanto, mostrar um pouco do erro que foi o crime de lesa majestade a razão Moderna, pois no final do século XVIII, com o surgimento das novas ciências humanas, se repartiu o homem em diversas caixas, analisando-o não de forma holística, mas o homem é fatiado para ser entendido, apontando que este deixou de ser sujeito para ser coisa.

Assim, analisando a teoria habermasiana, pode-se afirmar que quando se trata do homem ele não pode ser visto por meio de compartimentos, pois o homem não é um objeto cuja qual deve ser entendido por meio do método matemático empírico, pois isso tira o status do que seja o ser humano. Nem tão pouco definir o homem como simplesmente homem sociável, homem que conhece, que pensa e por pensar existe, mas olhá-lo de forma a fazer com que ele seja compreendido na sua totalidade. Totalidade esta, que é de um ser que pensa, que consegue reter conhecimento, mas também é um ser que age, que é responsável por suas ações e, também exterioriza por meio de gestos e de símbolos aquilo que sabe e como quer agir.

Dessa forma, ser racional é o que define o homem, pois essa construção de racionalidade se pauta no todo humano que é caracterizado pelo seu saber pensar, realizar e exteriorizar o que se é. Mediante o exposto da teoria habermasiana, pode-se afirmar que o homem mora no racional, uma vez que a razão é o ponto fulcral que diferencia o homem e faz a distinção do que seja o humano e do que é o animal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo apresentar a teoria habermasiana de racionalidade e a partir dela traçar uma linha que define o ser humano e o distingue do animal. A proposta aqui então descrita apontou que para o pensador alemão, Jürgen Habermas, ser humano é saber se comunicar, agir e pensar. Quando o sujeito consegue pensar, agir e comunicar, então ele é racional, distinguindo-se, assim, dos demais seres.

É claro que Habermas, com sua teoria, não exclui nenhum ser humano que não consiga falar, agir e pensar, mas como tem como meta concluir o projeto da modernidade, que visualizou e construiu a imagem de que ser racional é somente quem tem capacidade cognitiva, Habermas lança mão desses três parâmetros para dizer o que seja o racional. Tanto que ele aponta que os animais, as plantas, não podem ser racionais ou irracionais, pois não possuem nenhum dos atributos já mencionados, tais como pensamento articulado, ação com vistas a fins e comunicação para entendimento mútuo, pois estes se tem apenas nas ações humanas.

Portanto, pode-se afirmar que o que distingue o ser humano do animal, a partir da perspectiva habermasiana, é essa capacidade de pensar, agir e se comunicar. Não é apenas uma ação qualquer, mas uma ação reflexionada, pautada em um desejo, articulada para se chegar a um fim. Pensar para se obter informações, e assim conseguir dar conta da realidade. Pensar para saber distinguir entre certo e errado, entre o que pode ou não ser feito. Comunicar, mas não apenas uma comunicação superficial, mas com o viés de entendimento, de reconhecer o outro como também pensante e falante. Comunicar articuladamente para poder esclarecer a si e aos outros. E retomando os postulados kantianos, Habermas também aponta que ser racional é ser responsável com seus pensamentos, ações e palavras. Então ser humano é saber pensar, agir e falar, de modo a se responsabilizar, esclarecer e transformar a realidade em que se vive. Desta maneira deve se insistir que a distinção do homem e do animal mora na residência do próprio ser humano, a razão.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

BRÍGIDO, Edimar. Esclarecimento (*aufklärung*): uma proposta kantiana. In: GABRIEL, Ana Cássia. Organização: Ana Cássia Gabriel, Ana Lúcia Pereira Baccon, Edimar Brígido, Flávia Wegrzyn Martinez, Fábio Antonio Gabriel. *Diálogos contemporâneos entre Filosofia e Educação*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p. 137-149.

DESCARTES, René. **Discurso do método**: Meditações. 02-09 de abril de 2019. 4 p. Notas de aula.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**: Racionalidade da ação e racionalização social. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Verdade e Justificação, ensaios filosóficos**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 99-132.

REESE-SCHÄFER, Walter. **Compreender Habermas**. Tradução de Vilmar Schneider. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Série Compreender

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. Apresentação à edição brasileira. In: _____. **Teoria do agir comunicativo**: Racionalidade da ação e racionalização social. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. VII-XXVI, 2012.